

# MARCAS DO MASOQUISMO ORIGINÁRIO E DA PASSIVIDADE À LUZ DA TEORIA DA SEDUÇÃO GENERALIZADA DE LAPLANCHE

MARKS OF ORIGINAL MASOCHISM AND PASSIVITY CONSIDERING  
LAPLANCHE'S THEORY OF GENERALIZED SEDUCTION

MARCAS DEL MASOQUISMO ORIGINARIO Y DE LA PASIVIDAD A LA LUZ  
DE LA TEORÍA DE LA SEDUCCIÓN GENERALIZADA DE LAPLANCHE

Carla Heloisa Schwarzer<sup>1</sup>

**Resumo:** A teoria da sedução generalizada, proposta por Laplanche, aborda a constituição do psiquismo, tendo como ponto de partida a prioridade do outro adulto que, no manejo do autoconservativo, nas trocas de fralda, no banho, ao fazer dormir e ao dar o leite, encharca a cria humana com sua sexualidade inconsciente por meio de mensagens enigmáticas, verbais ou não verbais. As mensagens enigmáticas podem ter uma qualidade de implantação, que viabiliza o processo de tradução, simbolização e construção de sentido no psiquismo do bebê, e/ou de intromissão, cuja característica é a violência, a rigidez, a imposição e o submetimento. A incipiência do psiquismo do bebê ao receber a sexualidade do outro adulto coloca a cria humana em uma posição de passividade e masoquismo originário, universal a todos e constitutiva. O objetivo deste trabalho é interligar e desenvolver os conceitos teóricos para promover o debate e o exercício teórico. Além disso, esta escrita tem a finalidade de pensar teoricamente como pode ocorrer a constituição psíquica em casos de fronteira com correntes masoquistas, de que forma as mensagens não traduzidas circulam dentro do psiquismo e, por fim, como podem se apresentar na atualidade da vida adulta. Compreende-se que um psiquismo invadido por mensagens sexuais enigmáticas, encharcadas de violência, agressividade e traumatismos, terá obstáculos para traduzir essas mensagens e simbolizá-las, promovendo o empobrecimento do Eu e um aparelho psíquico contaminado pelo intraduzível e pelo desligado, com maior possibilidade de repetição do que de criação.

**Palavras-chave:** Masoquismo primário. Passividade. Teoria da sedução generalizada. Sexualidade. Laplanche.

*Abstract: The theory of generalized seduction, proposed by Laplanche, addresses the constitution of the psyche, taking as its starting point the priority of the adult other who, in the management of self-preservation, changing diapers, bathing, putting the baby to sleep, and feeding, immerses the human child in his or her unconscious sexuality through enigmatic verbal or non-verbal messages. The enigmatic messages may have an implantative quality that enables the process of translation, symbolization, and construction of meaning in the baby's psyche and/or an intrusive quality, characterized by violence, rigidity, imposition, and submission. The incipience of the baby's psyche when receiving the sexuality of the adult other places the human child in a position of passivity and original masochism, universal and constitutive. The objective of this work is to interconnect and develop theoretical concepts to promote debate and theoretical exercise. Furthermore, it aims to reflect theoretically on how*

---

<sup>1</sup> Psicóloga (CRP 07/34011) graduada pela Universidade do Vale do Taquari — Univates (Lajeado/RS), Psicanalista em formação pela Constructo Instituição Psicanalítica (Porto Alegre/RS).  
ORCID: 0000-0001-9647-6078. E-mail: Schwarzer.carla@gmail.com

*psychic constitution can occur in cases bordering on masochistic currents, how untranslated messages circulate within the psyche, and, finally, how they can present themselves in the present life of adults. It is understood that a psyche invaded by enigmatic sexual messages soaked in violence, aggression, and trauma will encounter obstacles in translating and symbolizing these messages, leading to an impoverishment of the self and a psychic apparatus contaminated by the untranslatable and the disconnected, with a greater likelihood of repetition than of creation.*

*Keywords: Primary masochism. Passivity. Theory of generalized seduction. Sexuality. Laplanche.*

*Resumen: La teoría de la seducción generalizada, propuesta por Laplanche, aborda la constitución del psiquismo, tomando como punto de partida la prioridad del otro adulto que, en la gestión de la autoconservación, en el cambio de pañales, en el baño, en el sueño del niño y en la acción de darle la leche, sumerge al niño humano en su sexualidad inconsciente a través de mensajes enigmáticos, verbales o no verbales. Los mensajes enigmáticos pueden tener una cualidad de implantación que posibilita el proceso de traducción, simbolización y construcción de significado en la psique del bebé y/o una intrusión cuya característica es la violencia, la rigidez, la imposición y la sumisión. La incipiente psique del bebé al recibir la sexualidad del otro adulto coloca al niño humano en una posición de pasividad y masoquismo originario, universal a todos y constitutivo. El objetivo de este trabajo es interconectar y desarrollar conceptos teóricos para promover el debate y el ejercicio teórico. Además, pretende pensar teóricamente cómo puede darse la constitución psíquica en casos que bordean las corrientes masoquistas, cómo circulan dentro de la psique los mensajes no traducidos y, finalmente, cómo pueden presentarse en la vida adulta actual. Se entiende que una psique invadida por mensajes sexuales enigmáticos empapados de violencia, agresión y trauma tendrá obstáculos para traducir estos mensajes y simbolizarlos, promoviendo el empobrecimiento del ser y un aparato psíquico contaminado por lo intraducible y lo desconectado, con mayor posibilidad de repetición que de creación.*

*Palabras clave: Masoquismo originario. Pasividad. Teoría de la seducción generalizada. Sexualidad. Laplanche.*

## INTRODUÇÃO

Laplanche, ao fazer trabalhar os textos freudianos, reexamina a teoria da sedução freudiana de 1897, chamando-a de restrita, uma vez que, para Laplanche (1992), Freud localiza no campo factual a sedução perversa de abuso sexual perpetuado pelo pai para com sua filha. O psicanalista francês produziu críticas, abrindo novos espaços teóricos e retomando caminhos abandonados ou deixados em aberto pelo criador da psicanálise, mas principalmente recolocando na centralidade da constituição psíquica o sexual inconsciente transmitido na relação intersubjetiva entre adulto cuidador e *infans*. A introdução do conceito da situação antropológica fundamental, base da teoria da sedução originária, determina a relação assimétrica entre adulto e cria humana, em que este adulto, responsável pelos cuidados autoconservativos, também emite, sem conhecimento próprio, mensagens enigmáticas cujo conteúdo sexual do seu inconsciente recalcado contamina e traumatiza o bebê. O *infans* está em um lugar de *Hilflosigkeit*, assimétrico, de passividade e masoquismo originário, e sua defasagem psíquica o torna incapaz de compreender e traduzir o sexual. Através da ajuda do adulto, da dupla tradutivo-recalcante e do processo de metábole, há possibilidade de o bebê apropriar-se do sexual, integrando-o ao seu eu e construindo seu próprio sentido.

A desafiadora proposta deste trabalho é formular questionamentos, hipotetizar e trazer contribuições para a psicanálise por meio da discussão de percursos teóricos laplancheanos. Pretende-se, através desta escrita, conectar a teoria da sedução generalizada (TSG), os conceitos de intromissão e implantação, em que Laplanche faz uma abertura para as patologias não neuróticas, e entrelaçar a prioridade do outro na constituição psíquica do sujeito, a passividade originária e o masoquismo. Estar diante de casos de fronteira ou com correntes de um masoquismo originário aprisionante faz o analista interrogar-se sobre a constituição psíquica destes sujeitos, que viveram episódios de racismo privados de um olhar ético e de proteção, com marcas de mensagens intrometidas e de desamparo, de uma exposição à brutalidade da violência assistida ou “tatuada” na carne e recontada em cena analítica. Questiona-se: Como um psiquismo constituiu-se diante de excessos, desamparos e desajudas? Qual o estatuto, dentro do psiquismo, daquilo que não é possível de tradução? Como é possível a simbolização e tradução em uma estrutura psíquica marcada por correntes de um masoquismo originário? De que forma se apresenta o desligado na vida adulta? Encadear os conceitos teóricos citados acima e fazê-los trabalhar com os questionamentos propostos a partir da teoria laplancheana é um dos intuitos desta escrita.

#### **A TEORIA DA SEDUÇÃO GENERALIZADA E AS MENSAGENS ENIGMÁTICAS: IMPLANTAÇÃO E INTROMISSÃO**

Em *Novos fundamentos para a psicanálise*, Laplanche (1992) inaugura a teoria da sedução generalizada, referindo que todos os seres humanos vivenciam a relação originária e assimétrica entre bebê e adulto cuidador. A sedução é a junção da factualidade e da teorização, isto é, algo aconteceu na vida desse bebê, houve experiências traumáticas e cenas de sedução. O psicanalista coloca na equação o lado da criança: O que disto que aconteceu foi possível de dar sentido? Qual a construção internalizada pelo sujeito a partir do vivido? Foi possível de tradução? Ainda, quem é esse bebê e quem é esse adulto da situação originária? Como é estabelecida esta relação e de qual direção parte a comunicação? Questionamentos que instigam Laplanche a dar outros sentidos ao texto freudiano, ampliando e revendo o modelo de constituição psíquica do sujeito a partir da prioridade do outro e da importância da ajuda do adulto para o fechamento do psiquismo da criança humana.

A teoria da sedução é abandonada por Freud ao localizá-la no campo do factual com a famosa frase “não acredito mais em minha neurótica” (Freud, 1996, p. 315). Freud compreende que, em toda história de romance familiar, haveria um pai sedutor e perverso que abusa sexualmente de sua filha, e a produção de fantasias sexuais teria necessariamente sua origem no real traumático, como vivência da cena sexual quando criança. Laplanche (1992) retoma esses escritos freudianos e os faz trabalhar, como costumava dizer, abrindo novos paradigmas a respeito da relação entre o adulto cuidador (ampliando para não apenas a relação mãe-bebê) e o que é transmitido ao bebê desde os inícios da vida. Em uma crítica do psicanalista francês à teoria freudiana, para ele trata-se de um recalco de Freud ao localizar na história da espécie a tensão entre a cena mais antiga e um episódio recente da vida do sujeito. Além disso, Freud deixa de lado a concepção de realidade psíquica e realismo do inconsciente, da fundamental importância do lugar do outro adulto cuidador nos manejos iniciais com o bebê e do plus sexual transmitido nesses cuidados. A situação antropológica fundamental, base laplancheana para compreender a teoria da sedução generalizada, destaca a relação assimétrica da dupla adulto e criança. De um lado, o adulto, com aparelho psíquico clivado e com recalco operando; de outro, um bebê desprovido de inconsciente e sem recursos simbólicos para receber esse plus do sexual. A sedução originária introduz a sexualidade e o binômio atividade-passividade, separa o inconsciente da fantasia produzida endogenamente, nos genes humanos, como teorizou Freud, e propõe o realismo do inconsciente: a realidade psíquica é constituída através da relação com o outro que emite mensagens enigmáticas, verbais e não verbais, contaminadas com seu inconsciente sexual recalco, pois a linguagem do adulto veicula um sentido ignorado por ele mesmo e, por consequência, traumatizante na criança, que apenas recebe e guarda dentro de si como estrangeiro, inassimilável.

A incipiência e a passividade do bebê são alguns dos pontos nodais para a teorização laplancheana da sedução generalizada. Ou seja, o bebê nasce equipado com montagens adaptativas e reguladoras do corpo biológico: respirar, comer, digerir e chorar — valores vitais relacionados à autoconservação e à psicofisiologia. Inicialmente aberto ao mundo em estado de *Hilflosigkeit*, de desajuda, despreparo e desamparo, originário e universal, o bebê está entregue a si mesmo, não tem condições internas e externas para viver e se alimentar sozinho, necessita do adulto para sobreviver e para integrar do lado de dentro o que recebe nesta interação. Para o autor (1992), o adulto encharca com a sua sexualidade inconsciente recalcada, junto com o leite e o cuidado, que faz barulho, excita o bebê, pois “a defasagem é terreno do trauma, o sujeito não está preparado para aquilo” (1992, p. 114). O bebê está desprotegido para receber a sexualidade inconsciente do adulto em seu corpo. O que faz, então, o bebê com este sexual que ingressa? O que o chamado do bebê convoca na sexualidade deste adulto?

Nos inícios, não há um eu-instância que faça diferenciação entre dentro e fora. Na verdade, é o tempo do eu-corpo, vivido como o próprio eu, em que as zonas erógenas estão dispostas por toda a extensão do corpo do bebê, sentido nas suas bordas a penetração do sexual adulto. O que ingressa, descreve Laplanche (1992), são signos de percepção: as primeiras inscrições depositadas de algo que é puramente enigmático e incompreensível. A fantasia que vem do adulto e o enigma veiculado nas mensagens deixam marcas e promovem na cria humana o movimento autotradutivo e autoteorizante de interrogar-se, iniciando o processo de metabolização — conceito trazido por Laplanche (1992), que é a deformação da mensagem via ligações de metáfora e metonímia, relacionadas por analogia, contiguidade e semelhança. Tarelho (2012; 2023) nos ajuda a compreender que, no primeiro tempo do recalçamento originário, as mensagens inscritas no eu-corpo do *infans* ficam inicialmente em estado de espera de tradução, numa tentativa e erro da criança de traduzir o sexual que ingressa e circula em seu corpinho. Quando a criança já dispõe de um simbolismo, as mensagens são reativadas e podem ser decodificadas com os seus recursos simbólicos e seu repertório de códigos (adquiridos com ajuda do adulto e da cultura). Na concepção de Laplanche (1992), no segundo momento do recalçamento originário há o início de um eu-instância capaz de integrar o resíduo das mensagens enigmáticas inconscientes recalcadas e do intraduzível — os *fueros* — internalizando o objeto-fonte. Tarelho (2012; 2023) acrescenta que, pela via do autoerotismo, o bebê empreende seu primeiro trabalho de tradução, com aspecto rudimentar de simbolização, sendo o primeiro momento em que a sexualidade deixa de ser do outro e é auto, do bebê.

Em *Novos fundamentos*, Laplanche (1992) destaca que estas primeiras inscrições, quando marcadas por violência ou mensagens intrometidas incapazes de passar pelo processo de tradução, ficam “tatuadas” com violência, agressão e desconsideração pela sua assimetria diante do adulto, como registros no corpo nunca traduzidos. A derme corporal é o palco para tatuar concretamente o transbordamento das mensagens enigmáticas intrometidas e violentas. A passividade, o abuso e os excessos “tatuados” na carne e por meio de mensagens violentas e intrometidas (Laplanche, 1992), que invadem o psiquismo desprotegido da cria humana, transformam o corpo que sofre e não é escutado. Denotam, por consequência, a precariedade do eu-instância em promover uma rede de simbolizações e de metabolização do conteúdo sexual que invade. Desenvolvendo esta ideia, Tarelho (2012; 2023) costura a concepção do autoerotismo na teoria laplancheana, salientando como o tempo auto do eu-corpo no bebê pode ser decisivo para registrar na derme psicofisiológica mensagens sexuais, e refere que “o autoerotismo representa a primeira tentativa da criança no sentido de lidar com essa excitação” (2023, p. 9). Em casos de fronteira, poderíamos pensar que tatuagens, queimaduras acidentais, banhos escaldantes ou gelados são ataques ao corpo, como *fueros* atualizados, mas também tentativas, via *après-coup* e repetição, de dar conta do que transgride desde dentro? Da excitação vivida (à flor da pele) nos inícios da vida e do sofrimento advindo dela? Um corpo indefeso contra o desligado da pulsão sexual de morte.

Em “Intromissão e implantação”, Laplanche (1996) resgata sua crítica ao biologismo do inconsciente freudiano, endógeno e existente desde os inícios da vida; o autor propõe o movimento copernicano de descentramento do ser humano: o sujeito constituído a partir do outro; a atividade do eu é um segundo tempo, em que o primeiro, originário, é de passividade: o da sedução. Em outras palavras, Laplanche (1996) opõe-se ao “endogenismo ptolomaico” da constituição psíquica proposta por Freud, e estabelece sua teoria a partir de um aparelho psíquico aberto para o real, da passividade e submissão da criança humana ao outro adulto, constituindo, assim, o psiquismo e colocando-o em marcha para trabalhar nas tentativas e fracassos (necessários) de tradução, recalque e ligação. Nesse texto, Laplanche (1996) propõe duas qualidades da mensagem enigmática: implantação ou intromissão. A implantação é a mensagem com vias de simbolização e apropriação do bebê, que produz signos e provoca o movimento ativo de tradução. É a possibilidade de transformar o estrangeiro que habita dentro de si em autoral, e constitui um aparelho psíquico com mais plasticidade e recursos para integrar uma rede de significados e pensamentos em sequência. Tarelho (2012) refere que é um adulto que ajuda o *infans* a dar sentido, a pensar sobre si como uma pessoa diferente dele, com sentimentos e desejos singulares. Conforme o modelo tradutivo da Carta 52 (Freud, 1996), a criança precisa de ação específica e ajuda alheia para ajudar a traduzir: é necessário que o adulto ofereça caminhos para teorizar como enigma as mensagens e colocar em marcha o processo tradutivo. Há predominância do inconsciente recalado e resiliência para enfrentar os desafios da vida, com autoestima, recursos de simbolização e espaços psíquicos mais demarcados e clivados. Caracteriza-se por um psiquismo mais complexificado e enriquecido, com possibilidade de elaborar fantasias, com correntes neuróticas e potencial de criatividade, cuja instância egoica está constituída e predomina o processo secundário, o investimento em si mesmo, com maiores possibilidades de contemplar a realidade do outro como diferenciada da sua.

Já a mensagem intrometida ingressa de forma agressiva, violenta, traumática e rígida em sua gênese, capturando o sujeito em um lugar sem saída, oferecendo dificuldade de transitar pelo aparelho, mudar de estatuto e ser historicizada. Com poucos elementos do sexual e quase nenhuma viabilidade de tradução, a mensagem intrometida obstaculiza o processo de tradução e, por consequência, a clivagem do aparelho, permanecendo no interior do psiquismo à deriva, tal como foi intrometida, em um estado literal e inflexível (Laplanche, 1996). Essas mensagens, como explica Tarelho (2012, p. 103), “produzem uma espécie de curto-circuito do processo de simbolização e de diferenciação das instâncias, tendo como resultado a formação de enclaves psicóticos dentro da estrutura do ego e do superego”. Elas atormentam o sujeito com a sexualidade do outro externo que vira interno, *unheimlich*, aprisionante, provocador de manifestações persecutórias por uma falta de discriminação do que é deste outro e do que é do próprio sujeito; a alteridade do outro interna é sentida como insuportável. É um aparelho psíquico com uma conjuntura mais regressiva, parasitado por códigos e signos cujos conteúdos traumáticos invadem o psiquismo e promovem entraves na produção de enigmas, tornando-se um sujeito com menos condições de pensar e representar o que lhe acontece e lidar com o mundo externo (Laplanche, 1996; Tarelho, 2012). Uma modalidade de mensagem intrometida é quando veiculada através de dessubjetivação, apresentando-se como intolerância à diferença, como em casos de racismo em que os adultos podem não ocupar um lugar de proteção, mas de indiferença, negligência ou desprezo, repetindo o racismo sofrido pela criança, seja em falas de desconsideração e aversão, seja pelo não olhar à sua própria. Frente à alteridade do outro, há segregação, pois como nos fala Laplanche (1996, p. 184, nota de rodapé): “é esta alteridade interna que está na raiz da angústia diante da alteridade externa; é essa a que se busca reduzir a todo custo”.

A partir da teoria laplancheana (1996), compreende-se que há implicações futuras no *infans* quando há dificuldade do adulto em discriminar o outro bebê e o olha como uma extensão de si mesmo, apoderando-se dele, seja com cuidados mais mecânicos, rígidos, sem ternura que enlace o sexual e promova rastro simbólico; seja na forma violenta ou agressiva

de como educa sobre as proibições, com desprezo e desimportância na sua singularidade, e pouca ou nenhuma oferta de renúncias ou vias colaterais, vivências de submissão, imposição e autoritarismo, ou no excesso do cuidado do corpo, excitando as zonas erógenas do bebê. Futuramente, pode-se pensar em uma estrutura psíquica de fronteira, com falhas na constituição e recursos escassos de representação e tradução, cujo componente violento da mensagem pode criar um reservatório de destrutividade e violência dentro do aparelho e desembocar em transbordamentos, passagens ao ato ou psicossomática, por exemplo. Aquilo que não se pode pensar fica como que atacando o aparelho desde dentro, num mecanismo rudimentar de volta contra a própria pessoa, via pensamento ou via corpo, numa tirania sem fim, em que não há espaço para ambivalência ou ambiguidade, apenas certezas e verdades (Tarelho, 2012).

### MASOQUISMO ORIGINÁRIO E PASSIVIDADE

A partir da teoria da sedução generalizada e do entendimento sobre o masoquismo, Laplanche (1996) retira das vias falsas e da contradição que Freud delineou sua teoria: “para defini-lo [o desastre do abandono da teoria de sedução], digamos que se trata do abandono de uma teoria exógena, intersubjetiva e intrometida da sexualidade humana” (p. 190, tradução livre). Sua intenção é recuperar o que foi perdido e recolocar no lugar de primazia e de estreita vinculação o sexual e a pulsão a partir da relação passiva e traumatizante entre a criança humana e adulto, e não de um entendimento freudiano da pulsão de morte inata e que está no sujeito desde os inícios. A rearticulação laplancheana sobre o masoquismo originário se dá a partir de uma crítica, como pode-se encontrar no texto “Masoquismo y teoría de la seducción generalizada” (Laplanche, 1996), a respeito da fixação freudiana em tratar questões psíquicas a partir do corpo biológico, seja através do espancamento literal, do desejo pelo ato sexual incestuoso ou via orgasmo: a sexualidade é tida como restrita e genital.

No pensamento laplancheano (1996), por outro lado, a base da sexualidade é a fantasia, e tanto o masoquismo é originário quanto a sexualidade, entretanto não originários da ordem do instinto, mas desde os inícios da vida, pois a criança humana, em seu lugar de desamparo, possui um espaço-corpo aberto para receber a sexualidade do adulto, e precisa dele para fechá-lo. Não é possível compreender a constituição do masoquismo dissociado da constituição da fantasia e da sexualidade ampliada, perversa polimorfa, em sua gênese; a fantasia não é um fenômeno secundário ou de origem biológica. A crítica da teoria freudiana feita por Laplanche, sobre o texto “O problema econômico do masoquismo” (Freud, 1924), é principalmente ao corpo como cena puramente biológica do jogo simbólico e de quantidades de excitação presente do masoquismo. Isto é, trata-se de um Freud biologicista que dessexualiza o que ocorre a mais na relação adulto-criança, e reduz para a base fisiológica e genética as origens e desfecho do pulsional de morte, unificando ou confundindo os termos prazer e desprazer na dor.

O traumatismo, aborda Laplanche (1988), é constituído no aspecto temporal da revivência em *après-coup* do que se passou nos inícios da vida do sujeito, do deslocamento do afeto (des)vinculado às representações e da sobrevivência da angústia. Trata-se, então, de um traumatismo originário, vinculado ao lugar de passividade do bebê recebendo a sexualidade recalcada endereçada a ele pelo adulto, cuja fantasia é traumática pelo seu aspecto excitante e incitante. Laplanche (1988) refere que, em Freud, a reconstrução da cena originária factual traumática no processo analítico é ponto de partida e ponto de chegada; em outras palavras, a busca pela imagem a nível perceptivo da cena originária caracteriza-se como principal via para verificação dos fatos, relembrar via sonhos e associação livre a realidade do encaideamento de eventos. Laplanche, entretanto, aponta como a problematização de Freud não inclui os efeitos desse traumático como “corpo estranho interno” (1988, p. 100), nem como a sedução enigmática do adulto haveria de depositar nesse bebê passivo indícios de um externo-interno, o que ele chama de “arrombamento pela energia interna” (1988, p. 86) e

“penetração traumatizante” (1988, p. 89). Laplanche esclarece que “a passividade está toda inteira na inadequação para simbolizar o que ocorre em nós vindo de parte do outro” (1988, p. 90). A irrupção da sexualidade inconsciente recalçada do outro faz ruído do lado de dentro da cria humana; as mensagens enigmáticas do sexual são registradas internamente de forma passiva no psiquismo incipiente. Esse ruído, o intraduzível da mensagem, é ele próprio o que o *infans* não sabe, tornando-se este outro interno a partir do recalçamento originário fundante do inconsciente originário e fonte da pulsão sexual.

A partir de Laplanche (1996), pode-se pensar que, se o conteúdo da mensagem é violento, a tradução fica prejudicada e gera dentro do sujeito uma passividade aprisionante, um submetimento traumático que condena à repetição da violência vivida na carne e na relação com o outro. Os medos e vivências de violência, vivenciados pela criança tanto física quanto psiquicamente, colocam em pauta a força do destrutivo interno, capturando o sujeito na repetição da violência sofrida, sem poder encaminhá-lo para outra direção, pois, quando a mensagem é reativada, o coloca na posição conhecida de masoquismo originário, em que não há possibilidade interna de traduzir e dominar, repetindo um sofrimento sem fim (Tarelho, 2012). Nesse sentido, os elementos violentos e traumáticos da mensagem roubam também a simbolização, a possibilidade de o sujeito apropriar-se e internalizar como seu o que se passa; ou seja, a alteridade interna torna-se atacante, insuportável e ameaçadora, este corpo estranho interno, criminoso, que assombra desde dentro (Laplanche, 1988). Suspeito sem rosto, trauma sem nome; a visão pode não alcançar, mas os ouvidos ficam expostos para o ingresso da violência e dos excessos, que podem configurar um modo intromissivo de lidar com o que se passa na vida atual.

Laplanche (1996) conceitua que houve um extravio biologizante do pensamento freudiano, em que a cena de espancamento seria uma forma de internalização da fantasia. Havendo o corpo como base do sentir e do viver, o excedente de excitação da pulsão de morte que não é expulso pela cria humana sobra internamente e precisa ser ligado para não a destruir. Ou seja, nessa visão endogenista e econômica do aparelho, o masoquismo parte do interno DNA para o externo, mas na ordem da biologia, passado geneticamente através das gerações. Extravio, pois a sexualidade não está adormecida na criança e precisa de um terceiro adulto para despertá-la; para Laplanche, a sexualidade é implantada por meio dos manejos autoconservativos, ou seja, vem desde o adulto que também possui suas fantasias e as envia junto com o leite, a voz, os índices de percepção. A introdução do sexual inconsciente produz um desequilíbrio significativo no plano do autoconservativo, pois envia esse plus que o próprio adulto desconhece e não domina. É essencialmente traumática, pois produz dor física e psíquica, se inscreve no eu-corpo da criança e a coloca em um lugar de masoquismo, passivo, de menos saber, e o adulto em um lugar ativo, de mais saber. Biologizante, pois, para Laplanche, Freud não dá conta de conceituar o inconsciente a partir do mundo relacional e fantasístico, buscando na história da espécie e na biologia suas respostas.

Laplanche (1988; 1992) retira do patológico o processo de constituição psíquica e o masoquismo originário, assim como universaliza a passividade inicial, ampliando para todos os seres humanos e não como uma posição feminina. Trata-se não de uma cena de sedução única de caráter genital, mas de mensagens enviadas pelo adulto comprometidas pelo plus do sexual inconsciente desconhecido por eles mesmos, endereçadas à cria humana, que, na melhor das hipóteses, será inscrita na fantasia inconsciente parental, fonte da pulsão sexual humana e motor do recalque, tradução e simbolização. Sendo assim, é universal a todos os seres humanos justamente por estes serem incapazes de compreender e se apropriar do que o outro adulto emite com seu inconsciente sexual. Na mensagem enigmática, há um plus de representação que é a violação sentida pelo bebê como dor, primeira de origem externa e depois desde o outro de dentro: “a respeito dela [a fantasia inconsciente] estamos em uma posição de essencial passividade, uma posição de masoquismo originário” (Laplanche, 1996, p. 205).

A pulsão de morte, na teoria laplancheana (1996), é a expressão da sexualidade em seu caráter demoníaco e alienante; é o desligado e o último refúgio de livre circulação de energia. Na constituição do masoquismo, a fantasia ocupa lugar central e o masoquismo é constituído a partir da relação com o outro, aquele a cujo espancamento assisto e que me bate. Se há necessidade de ocorrer uma cena traumática, algo se passa com essa criança na relação com seus adultos; como, então, pensar a pulsão de morte existir desde o nascimento? De que forma as quantidades de excitação bastariam para transformar algo desprazeroso em prazeroso e, então, o adulto despertar ou produzir a sexualidade? A partir da concepção de Laplanche (1996), a pulsão sexual de morte ou de destruição é proveniente da situação originária de sedução, localizada no id, e diz respeito a um ataque desde dentro cujos objetos são simultaneamente excitantes e ameaçadores à integridade do Eu. Trata-se de uma pulsão de energia livre, que busca a desunião através do transbordamento e da invasão; opera a nível primário, em que “seu fim é a descarga pulsional total, mesmo que isto custe o aniquilamento do objeto; são hostis ao Ego, o qual tentam desestabilizar; seu objeto-fonte é um aspecto clivado, unilateral, um indício do objeto” (1988, p. 105).

Por vezes, o sujeito não procura ajuda médica quando o corpo está claramente dando sinais de que está doente; poderíamos pensar a não procura de ajuda como uma expressão das mensagens enigmáticas violentas com estatuto de intraduzível? Ou também como um indicador da dimensão interna do desligado, a ponto de o autoconservativo não ser suficiente para cuidar-se, um desafetar-se ao não considerar a dor física ou mal-estar? Afinal, em vias de violências e agressões, o autoconservativo de fato não é suficiente para a autoproteção, pois está inundado pelo sexual que passiviza e atacado pela pulsão sexual de morte. O quão contaminado está o sujeito de seu pulsional mortífero a ponto de maltratar-se? De não ouvir o pedido de ajuda de seu próprio corpo? Se mensagens enigmáticas por si só geram traumatismo no psiquismo (Laplanche, 1988), o que dirá da violência física? O desafeto seria uma representação do desligado interno, resultado da impossibilidade de traduzir a agressão, intromissão e subjetivação sofrida? Sabendo que, inicialmente, o *infans* necessita da ajuda do outro adulto para significar, traduzir e dar sentido ao seu mundo, é a partir da relação com o adulto cuidador que a criança vai podendo integrar dentro de si um Eu forte, criativo e com capacidade simbólica (Laplanche, 1992; Tarelho, 2012). Entretanto, compreende-se que em pacientes de fronteira a comunicação não se dá em nível simbólico, e sim através de transbordamentos. Apresenta-se um Eu-instância precário, com muitas falhas, empobrecido e marcado pelo desamparo, cujo reservatório interno é carente de símbolos e códigos para traduzir o componente violento da mensagem que ingressou, com psiquismo colonizado pelo estrangeiro, com poucas vias de reconquistar o seu terreno interno para si mesmo (Tarelho, 2012).

A criança, no tempo do autoerotismo (Tarelho, 2012), recebe os conteúdos enigmáticos sexuais do adulto; seu primeiro movimento é recolher-se sobre si mesma para fazer frente à efração, à dor e à posição passiva em que está colocada perante o adulto. Não tendo códigos simbólicos para ligar e dar sentido de forma desenvolvida, a criança utiliza-se do seu corpo como palco para descarregar o que irrompe desde dentro, chupando o dedo, por exemplo, na tentativa de dominar o que lhe ataca internamente. O corpo da criança humana de Laplanche, erotizado e supersexualizado pelo adulto, não se restringe às zonas erógenas clássicas freudianas (boca, ânus, mucosas), mas amplia-se, assim como a sexualidade, a toda derme corporal possível de ter intercâmbio sexual. A releitura de Laplanche (1996) do texto *Batem numa criança* (Freud, 1919) a partir da teoria da sedução generalizada propõe que o pai, ao bater, envia uma mensagem sexual e não sexual, sexual da cena de sedução e da excitação sádica do adulto em agredir a criança, e não sexual de limites, do que pode e não pode ser feito. Está transmitindo um desejo inconsciente de submeter o filho e possuí-lo sexualmente através da violência e da passividade. A cena de espancamento é uma cena de sedução e se implanta na criança humana como uma mensagem sexual a ser traduzida, e este filho com um aparelho ainda não constituído, pela falha de tradução, recalca o fantasma



inconsciente inscrevendo o objeto-fonte da pulsão, e a mensagem fica a espera para ser traduzida num segundo tempo da pulsão.

Em compensação, no que diz respeito à tese central de posição originária do masoquismo no campo da pulsão sexual, persisto e assino embaixo. Porque a intervenção do outro, necessariamente traumatizante, traz obrigatoriamente, de forma menor, muitas vezes — às vezes maior — o elemento de efração característico da dor: que a pulsão seja ao eu o que a dor é ao corpo, que o objeto-fonte da pulsão esteja encravado na envoltura do eu como a farpa da madeira está na pele, aqui está o modelo que deve ser conservado constantemente no espírito (Laplanche, 1996, p. 202, tradução livre).

Questiona-se: Em casos de um psiquismo com falhas significativas, como esse bebê foi considerado e olhado pelo adulto que o cuidou no seu choro e na sua individualidade? Por meio de imposições, de subjugamento e violência para existir e ter valor? Foi possível o adulto amalgamar a pulsão de agressividade enquanto o bebê sádico que chora e tenta expulsar essa dor que está sentindo? Ou ficou “tatuada” no eu-corpo desse bebê a dor e o sofrimento da posição de submetimento interno e do sofrimento por não conseguir traduzir, repetindo no atual? A cria humana necessita de uma qualidade libidinal para enlaçar o destrutivo da pulsão de morte e não ficar na parcialidade da pulsão bruta de morte, como no sadismo. É na fusão, na mescla e no enlace da pulsão de morte em pulsão de vida, através da presença do outro adulto, que há possibilidades e vias colaterais de lidar com renúncias e frustrações. Havendo possibilidade de simbolizar e recalcar, há também possibilidade de fazer frente a esse masoquismo e ao lugar de passividade; do contrário, as vivências traumáticas e de violência podem ser determinantes para o sujeito permanecer em um lugar imobilizado de marcar a dor psíquica no corpo, por exemplo.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreende-se, a partir da teoria laplancheana (1992) e da discussão teórica proposta nesta escrita, a necessidade do ingresso do sexual, de uma mensagem capaz de produzir signos e de gerar demanda de tradução no bebê. Entretanto, se este enlace do desligado mortífero for feito de maneira insuficiente pelo adulto, e não for possível traduzir, ou estiver impregnado de violência e da inadequação das mensagens, o bebê fica submetido à sua pulsão de morte, utilizando-se de uma defesa primitiva como a volta contra a própria pessoa, que está diretamente relacionada com o masoquismo originário, ou seja, a pulsão ser uma via de ataque interno, como autoagressão. Cria-se uma via facilitada, havendo marcas de desprazer em um caminho de repetição, em que o sujeito fica capturado em si mesmo, na medida em que, ao ter sido submetido pelo sexual intrusivo do adulto nos tempos de constituição, no atual encontra-se rendido pela sua alteridade interna. Em sujeitos com um Eu fragilizado, as marcas do desamparo ficam “tatuadas”, num caminho de dar conta sozinho da excitação e sofrimento produzidos pelas mensagens enigmáticas intrometidas e pelo sexual inconsciente endereçado a ele via adultos cuidadores. Desamparado e sozinho em sua história e no modo como lida com suas sofrências no atual, o sujeito fica numa posição de passividade e violência com seu corpo, como em situações em que o corpo orgânico clama pelo olhar amoroso, mas há pouco espaço psíquico e poucas marcas de cuidado. Se, nos inícios da vida, o bebê é eu-corpo, as mensagens ingressam via derme corporal e causam desconforto. Parece significativo pensar o destino da pulsão como expressões de transbordamento no corpo. O intraduzível e os *fueros* tomam conta e espaço interno em pacientes com estruturas psíquicas que apresentam grandes falhas na constituição do Eu, numa repetição sem fim de um sem lugar, de um descuido para consigo mesmo. Se houve pouca ajuda do adulto para traduzir, nomear e simbolizar esse bebê, como, no futuro, esse bebê terá condições psíquicas de empreender consigo mesmo movimentos de ligação e construção?

A costura teórica do conceito de masoquismo, à luz da teoria da sedução generalizada desenvolvida por Laplanche (1996), nos mostra que, em estruturas psíquicas de fronteira ou psiquismos com correntes não neuróticas, constitui-se um psiquismo contaminado pela pulsão sexual de morte, operando um funcionamento de correntes predominantemente masoquistas e autodestrutivas, quando vividas situações reais de desajuda e exposição à violência. O psicanalista francês destaca que o masoquismo impõe ao sujeito um modo de viver impiedoso consigo mesmo, em que as mensagens enigmáticas invadem o psiquismo de maneira brutal, deixando pouca possibilidade para simbolização e muito espaço para repetição (1996). Destaca-se que há um maior espaço dentro do psiquismo habitado pelo desligado, que retorna com força de dominar o sujeito a ponto de não reconhecer em si mesmo o sofrimento físico, com um Eu que falha em proteger a si próprio, contribuindo, assim, via *après-coup*, para reviver experiências de desamparo e desajuda, em que os sinais do corpo, manifestados via autoconservativo, podem não ser reconhecidos com a devida importância. Quando o sexual inconsciente não traduzido reativa registros de dor, o sujeito pode reviver em sua derme corporal o desconforto e o sofrimento marcados em sua história.

Percebe-se, a partir deste estudo, o quão aderido um sujeito com psiquismo empobrecido fica perante a sua pulsão sexual de morte, seja no cuidado com filhos, em relacionamentos amorosos ou na falta de cuidado consigo mesmo. Compreende-se como as mensagens enigmáticas intrometidas podem promover um psiquismo com um Eu-instância sem condições de dar conta do traumático. O conteúdo violento do sexual pode contribuir para amarrar o sujeito em uma posição com muitos prejuízos na tradução e com pouco enlace simbólico, ficando passivizado à sua alteridade interna, ao estrangeiro vivido como atacante, desligado. Interroga-se: Como sair disso? Do movimento ptolomaico de entregar-se à repetição do masoquismo originário, do traumático e da passividade que aprisiona? No espaço analítico revive-se a sedução originária e há possibilidade de, via relação transferencial entre analista e analisando, por meio de um movimento copernicano, metabolizar o que não encontrou lugar na tópica psíquica. Além disso, o processo analítico possibilita criar condições para o analisando pensar sobre esses movimentos de repetição, oportunizando enlances simbólicos via transferência e inauguração de um lugar de cuidado.

## REFERÊNCIAS

- FREUD, Sigmund. *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos* (1886-1899). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund. O problema econômico do masoquismo (1924). In: *O eu e o id, "autobiografia" e outros textos* (1923-1925). Rio de Janeiro: Companhia das Letras, p. 184-202, 2011.
- FREUD, Sigmund. "Batem numa criança": contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais (1919). In: *História de uma neurose infantil ("O homem dos lobos"), além do princípio do prazer e outros textos* (1917-1920). Rio de Janeiro: Companhia das Letras, p. 293-327, 2010.
- LAPLANCHE, Jean. *La prioridad del otro en psicoanálisis*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1996.
- LAPLANCHE, Jean. *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- LAPLANCHE, Jean. *Teoria da sedução generalizada e outros ensaios*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
- TARELHO, Luis Carlos. A teoria da sedução generalizada de Jean Laplanche e o descentramento do ser humano. *Jornal de Psicanálise*, v. 45, n. 83, p. 97-108, 2012.
- TARELHO, Luis Carlos. Tópica da clivagem, supereu e sexualidade. *Constructo: Revista de Psicanálise*, v. 8, n. 1, p. 1-23. 2023.

Artigo recebido: 4 de fevereiro de 2025

Artigo aceito: 17 de março de 2025